

A Juventude Revolução é uma organização de jovens contra a exploração, a opressão e a guerra e na luta pelo socialismo no Brasil e no mundo. Nós surgimos da necessidade que todos os jovens tem de lutar pelos nossos direitos. Somos a Seção Brasileira da Internacional Revolucionária da Juventude (IRJ) organização que reúne jovens de mais de 25 países.

Lutamos pelo direito da juventude ter um futuro de verdade sem guerras, drogas e violência. Queremos educação, trabalho diversão e arte! Por isso rejeitamos o capitalismo, sistema baseado na propriedade privada dos meios de produção, que explora e oprime os trabalhadores e a juventude.

Realizamos nosso 9º Encontro Nacional da JR - Anderson Luis em julho de 2006 onde definimos os objetivos da JR:

- a) *Lutar pela união da juventude na luta por suas reivindicações;*
- b) *Lutar contra as guerras e a exploração;*
- c) *Lutar contra as drogas e o narcotráfico;*
- d) *Combater pela independência das entidades estudantis;*
- e) *Defender a educação pública e lutar pelo acesso a diversão e arte;*
- f) *Lutar pelo fim da propriedade privada dos meios de produção.*

Conheça a Juventude Revolução!

Organize um núcleo da Juventude Revolução!

Juventude
REVOLUÇÃO



SEÇÃO BRASILEIRA DA
INTERNACIONAL
REVOLUCIONÁRIA DA
JUVENTUDE

WWW.JR-IRJ.ORG • CONTATO @ JR-IRJ.ORG

SEÇÃO BRASILEIRA DA
INTERNACIONAL
REVOLUCIONÁRIA DA
JUVENTUDE



Juventude
REVOLUÇÃO



MANIFESTO DE CÓRDOBA

Federação Universitária de Córdoba

ANEXO: O que é o REUNI?

PREÇO: R\$2,00 • SOLIDÁRIO: R\$3,00

COLEÇÃO CADERNOS DA JUVENTUDE REVOLUÇÃO

Junho de 2007

MANIFESTO DE CÓRDOBA

Tradução: Salim Siddharta e Marcius Siddharta.

Revisão: Marcelo Barbão

Fonte: A Reforma Universitária - Buenos Aires, 1959, pp. 23-27

Introdução: Everaldo de Oliveira Andrade e Alexandre Linares

Foto da capa: manifestação pela revogação dos decretos do governador José Serra no Palácio dos Bandeirantes em 31 de maio de 2007.

Produzida pelo Conselho Nacional da Juventude Revolução

JUVENTUDE REVOLUÇÃO

SEÇÃO BRASILEIRA DA INTERNACIONAL REVOLUCIONÁRIA DA JUVENTUDE (IRJ)

ENTRE EM CONTATO:

contato@jr-irj.org • www.jr-irj.org

© Copyleft – É permitida a reprodução parcial ou total desta obra desde que mantida os créditos e esta nota.

COLEÇÃO CADERNOS DA JUVENTUDE REVOLUÇÃO

Porque Lutar pela Retirada da Reforma Universitária Projeto de Lei 7200/06

Conselho Nacional da Juventude Revolução

O que é um Grêmio Livre Estudantil?

*Gilberto Orlani Neto (Malukinho),
Barbara Linares e Gabriel Mendoza*

Manifestos da Internacional Revolucionária da Juventude

Documento da IRJ

Karl Marx

Friedrich Engels

Sobre a Autoridade

Friedrich Engels

A Socialização da Sociedade

Rosa Luxemburgo

Manifesto por uma Arte Revolucionária Independente

André Breton e Leon Trotsky

A Maldição Branca

Eduardo Galeano

As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo

V. I. Lênin

A ATUALIDADE DO MANIFESTO DE CÓRDOBA DE 1918

Uma universidade livre, laica, democrática e gratuita a serviço da soberania da nação.

Quando em 21 de junho de 1918 a juventude estudantil de Córdoba divulgou seu célebre manifesto, provavelmente não tivesse clara dimensão do alcance que teriam suas palavras. Hoje – passados já quase 90 anos - sua atualidade é impressionante merecendo não apenas ser relido, mas estudado e absorvidos por novas gerações que se confronta com questões semelhantes.

Na segunda década do século XX a América Latina consolidava-se como periferia do capitalismo industrial ao mesmo tempo em que cresciam suas cidades e a massa de trabalhadores urbanos. Na Europa as grandes potências imperialistas se ensanguentavam na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), tendo como pano de fundo a luta das burguesias pelos mercados mundiais. Os setores revolucionários da classe operária, em especial na Rússia, transformam a guerra em luta revolucionária contra a burguesia e tomaram o poder em 1917. Estes grandes acontecimentos afetavam a história local onde uma grande revolução também se desenvolvera. No México as massas camponesas levantaram-se e impuseram à burguesia e ao latifúndio mexicano uma série de conquistas sociais durante a revolução (1910 a 1917), em particular a Reforma Agrária e como desdobramento da revolução, a nacionalização do petróleo nos anos 1938 por Lázaro Cárdenas.

A Argentina desse período sofre todos estes impactos. A velha oligarquia que caíra no México ainda dava as cartas no país e não

estava disposta a defendê-lo como país soberano, a desenvolvê-lo. E essa posição refletia em maior ou menor grau no conjunto da burguesia argentina e de outros países latino-americanos submetidos ao imperialismo. O movimento da juventude universitária argentina embora pudesse parecer limitado a questões estudantis, refletia um problema mais profundo. Questionava o papel e a capacidade dirigente da burguesia em fazer da sua nação – a Argentina – um Estado soberano em todos os sentidos, inclusive na produção e difusão do conhecimento.

Por isso entre os pontos centrais do Manifesto de Córdoba estão reivindicações que destacam um novo papel para a universidade: voltar-se para a ciência, para a criação, para o novo. Um país submetido, colonizado, não necessita de uma universidade que produza ciência, ele importa conhecimento.

O que os estudantes de Córdoba fizeram foi dar o grito da soberania nacional, o grito da disposição dos estudantes de uma universidade a serviço das necessidades da nação.

Hoje quando porta-vozes do Capitalismo defendem o fim das universidades públicas como instrumentos da soberania nacional e a simples massificação da transmissão do conhecimento. Querem fazer da educação um “serviço” e apenas retomam antigas teses das velhas burguesias acovardadas e corrompidas ao imperialismo.

O manifesto defende com enorme atualidade o ensino laico, desvinculado em particular das influências religiosas que desprezam as ciências para manter na ignorância e na alienação as massas populares. A universidade da liberdade de criação e do debate, da ciência que não deve nem pode se limitar aos dogmatismos, por isso sua necessidade de autonomia das interferências externas.

Em 1918 era possível distinguir dois poderosos adversários à universidade, a burguesia já associada aos capitais imperialistas, mas também setores reacionários ligados ao passado oligárquico e medieval-elesiástico, que viam a universidade como espaço para a doutrinação anti-científica. Hoje o inimigo está mais claro e ameaçador.

Hoje mais do que nunca, a universidade laica, autônoma e democrática é um obstáculo ao mercado, ao capitalismo. O mercado capitalista busca não apenas fazer da universidade de hoje

Então, desde já, trata-se de colocar em todos os espaços do movimento estudantil a necessidade de em cada universidade abrir a discussão.

Aqui fazemos um alerta geral sobre o que significa a “adesão” ao REUNI. Queremos envolver na discussão toda a representação discente nos Conselhos Universitários e dialogar com os docentes e servidores.

Se a proposta de “adesão” aparecer é preciso organizar a resistência, a luta para barrá-la desde o 1º momento!

1 de junho de 2007

**CONSELHO NACIONAL DA
JUVENTUDE REVOLUÇÃO - IRJ**

Seção Brasileira da Internacional

Revolucionária da Juventude

www.jr-irj.org • contato@jr-irj.org

O governo se concentrou na questão do financiamento no Projeto de Lei 7200/06 (4ª versão da reforma universitária que atualmente tramita no Congresso Nacional), introduzindo um método de distribuição de verbas pelo ranqueamento das IFES segundo de critérios de “produtividade”.

Agora, a flexibilização voltou com o REUNI. Assim, se aprovado o PL 7200/06, as IFES sub-ranqueadas na distribuição de verbas seriam mais facilmente seduzidas pela adesão ao REUNI, a condição de “reestruturarem-se” para formar os diplomados em nada. Seria uma piora geral nas universidades federais.

O EXEMPLO DA UNIABC

No Brasil, podemos antecipar o significado dos ciclos básicos na Universidade Federal do ABC (SP) criada no governo Lula. Sua estrutura curricular já obedece parcialmente esse modelo. As turmas tem aulas com mais de 125 estudantes por professor!

É a universidade com salas superlotadas, sem pesquisa nem extensão universitária. É o caminho para a ruptura com um princípio inscrito na Constituição como Autonomia Universitária: “a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (Artigo 207 da Constituição Federal).

A ISCA DA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL

Dentro deste decreto está um item prevendo a ampliação da Assistência Estudantil. Mas sem especificar o valor nem a origem dos recursos!

Sem responder com uma ampliação de verbas, são palavras ao vento, mais parece o tempero para um prato envenenado.

ORGANIZAR NAS UNIVERSIDADES A LUTA

Uma distinção do REUNI é o seu modo de implantação. Diferente do PL 7200/06 que se aprovado no Congresso Nacional seria colocado em vigor em todas as universidades federais, o REUNI é um programa de adesão voluntária das universidades após decisão dos Conselhos Universitários.

um negócio lucrativo. O conhecimento científico, fruto do acúmulo coletivo e social de dezenas de gerações torna-se cada vez mais controlado por poucos grupos, laboratórios, agências financiadoras que direcionam pesquisas e excluem outras. Este é o caminho para tornar a ciência crescentemente desumana, uma anti-ciência, ou seja, um conhecimento a serviço do capital, do lucro, da guerra, da destruição das conquistas civilizatórias da humanidade. A universidade livre choca-se com isso. A ciência está ligada a busca de condições de vida cada vez mais dignas para a humanidade, o que é incompatível com a busca do lucro e o controle do mercado.

Quando em 1918 os estudantes de Córdoba chamaram “os companheiros de toda a América” para juntos realizarem “uma revolução nas consciências” e, mais do que isso, a “luta suprema pela liberdade”, abriram um caminho que permanece atual. Por isso cada pequeno passo dado hoje em defesa de uma universidade livre, laica, democrática e gratuita - uma verdadeira universidade - torna-se incompatível e insuportável para o mercado e seus defensores.

A LUTA PELA AUTONOMIA UNIVERSITÁRIA

O Manifesto de Córdoba concentra aquilo o fundamental da luta pela autonomia universitária que nasceu em nosso continente expressando a necessidade de emancipação das nações da opressão imperialista.

Em 1918 os estudantes argentinos colocaram para todo o continente o problema da autonomia, da mais ampla liberdade para a universidade financiada pelo Estado responder aos problemas do desenvolvimento da nação elevando as condições de vida povo.

E inspirou os estudantes e educadores em todo continente.

É totalmente diferente da tentativa de mudar o conteúdo do conceito da autonomia universitária como a desenvolvida durante o governo Fernando Henrique Cardoso (PSDB) em conjunto com Paulo Renato.

A falsa “autonomia” proposta pelo PSDB é a prostituição da universidade para a captação de recursos. Para se manter, tem que vender a si mesma, sua infra-estrutura, seus objetivos de pesqui-

sas etc. Essa “autonomia financeira” leva à cobrança de taxas de matrícula, às fundações privadas e aos cursos pagos, à exploração de pesquisas acadêmicas por empresas privadas.

Assim, a universidade ao invés de desenvolver conhecimento e ciência voltados para as necessidades da nação, vira laboratório barato para o empresário.

A verdadeira autonomia universitária é o oposto: é a conquista de uma universidade com os recursos públicos necessários para decidir os rumos de ensino, pesquisa e extensão através de instâncias paritárias e democráticas da própria comunidade.

Everaldo Andrade e Alexandre Linares
10 de julho de 2007

MANIFESTO DE CÓRDOBA

esso de Bolonha, e que passaram a ser implantadas em todos os países aderentes da UE, combinando:

a) a introdução de “colégios universitários” com cursos básicos de onde o estudante sai formado em literalmente nada;

b) o retardamento da formação profissional, principal objetivo para maioria dos estudantes, para períodos posteriores à graduação;

c) a ampliação drástica do número de alunos por turma na relação dos professores

d) a divisão entre a formação básica (em nada!), a especialização (graduação efetiva) e a pós-graduação (pesquisa), ampliando a demora para o estudante obter seu diploma.

AUTONOMIA UNIVERSITÁRIA E SOBERANIA NACIONAL

O Processo de Bolonha busca adequar a Universidade às necessidades da desregulamentação geral da economia na globalização.

Com a criação das “áreas de livre-comércio” querem destruir os diplomas nacionais. Eles são um aspecto da soberania nacional que os capitalistas querem desmontar. Afinal, a regulamentação profissional é a uma conquista inscrita em lei pelos trabalhadores.

E na América Latina, a Autonomia Universitária é uma forma da luta por uma Universidade comprometida com a Soberania Nacional. Que entra em choque com a “globalização” e dos tratados de livre-comércio, como Alca ou Mercosul.

Nosso compromisso é com os estudantes, os trabalhadores e a soberania nacional, e não com os interesses do “mercado” e da globalização!

COMPLEMENTANDO O PL 7200/06

No Brasil, o REUNI, então, permitiria a flexibilização curricular. Ela aparecera na primeira versão do projeto de Reforma Universitária do governo federal, mas a resistência do movimento estudantil e docente obrigou o governo a manobrar.

O objetivo, como explica o Artigo 1º do REUNI, é “criar as condições para a ampliação do acesso e permanência na educação superior, no nível de graduação, pelo melhor aproveitamento da estrutura física e de recursos humanos nas universidades”.

Mas é o Artigo 2º que deixa claro que se trata de “revisão da estrutura acadêmica” com “a reorganização dos cursos de graduação”, segundo o seguinte critério:

“Diversificação das modalidades de graduação, preferencialmente não voltadas para à profissionalização precoce e especializada;”

O que quer dizer “profissionalização precoce”? É a justificativa para a introdução dos “cursos básicos”, o “bacharelado interdisciplinar”.

É, na prática, uma condenação absurda dos jovens que buscam um diploma profissional para ingressar no mercado de trabalho pela porta de frente, como deveria ser!

Na verdade, esta “reestruturação curricular” das universidades é a abertura para a aplicação em todo Brasil do projeto Universidade Nova, inaugurado pelo Reitor da UFBA, em sintonia com o chamado Processo de Bolonha.

REESTRUTURAÇÃO, NOVAS ARQUITETURAS ACADÊMICAS... OS “PROCESSOS DE BOLONHA” NO BRASIL

O centro do Decreto do REUNI é empurrar para a reestruturação dos currículos segundo a lógica generalistas dos bacharelados interdisciplinares “não voltados para à profissionalização precoce”.

É a porta aberta para implantação da orientação do Processo de Bolonha: a desregulamentação dos currículos com a quebra geral dos diplomas (diplomas sem profissão), passando por um archo sobre os docentes e servidores (formadores de diploma sem profissão).

O Processo de Bolonha teve início num encontro na cidade de Bolonha (Itália) dos ministros de Educação dos países da União Européia. De lá, saíram diretrizes que tomaram o nome de Proc-

DA JUVENTUDE ARGENTINA DE CÓRDOBA AOS HOMENS LIVRES DA AMÉRICA DO SUL

21 de junho de 1918

Homens de uma República livre. Acabamos de quebrar a última corrente que, em pleno século XX, nos atava à antiga dominação monárquica e monástica. Resolvemos chamar todas as coisas pelo nome que elas têm. Córdoba se redime. Desde hoje, passamos a contar para o país uma vergonha a menos e uma liberdade a mais. As dores que ficam são as liberdades que faltam. Acreditamos que não nos enganamos, pois as ressonâncias do coração nos advertem: estamos caminhando no terreno da revolução, estamos vivendo uma hora americana.

A rebeldia explode agora em Córdoba e é violenta porque, aqui, os tiranos se haviam assoberbado e era necessário apagar para sempre a memória dos contra-revolucionários de maio. Até agora, as universidades tinham sido o refúgio secular dos medíocres, o sustento dos ignorantes, a hospitalização segura dos inválidos e – o que é pior ainda – o lugar onde todas as formas de tirania e de insensibilidade descobriram a cátedra que as ditara. As universidades chegaram a ser, assim, o fiel reflexo dessas sociedades decadentes que se empenham em oferecer o triste reflexo de uma imobilidade senil. Por isso é que a ciência, perante esses prédios mudos e fechados, passa silenciosa ou entra mutilada e grotesca ao serviço burocrático. Quando, em um momento fugaz, abre suas portas aos espíritos elevados, arrepende-se logo e torna-lhes impossível a vida sob seu recinto. Por isso é que, no âmbito de tal sistema, suas forças naturais levam o ensino para a mediocridade, e o alargamento vital dos organismos universitários não é fruto do desenvolvimento orgânico, mas é alento da periodicidade revolucionária.

Nosso sistema universitário – mesmo o mais recente – é anacrônico. Fundamenta-se sobre uma espécie de direito divino: o direito divino do professor universitário. Cria-se a si mesmo. Nele

nasce e nele morre. Mantém um afastamento olímpico da realidade. A Federação Universitária de Córdoba se levanta para lutar contra esse sistema e entende que nele a vida se esvai. Reclama por um governo estritamente democrático e sustenta que o demos universitário, a soberania, o direito de se auto-governar enraíza-se principalmente nos estudantes. O conceito de autoridade que corresponde a um diretor ou a um mestre e os acompanha em um ambiente de estudantes universitários não pode apoiar-se na força de disciplinas estranhas à própria substância dos estudos. A autoridade, em um ambiente de estudantes, não se exercita mandando, mas sim sugerindo e amando: ensinando.

Se não existe um vínculo espiritual entre o que ensina e o que aprende, todo o ensino é hostil e, por conseguinte, infecundo. Toda educação é uma grandiosa obra de amor aos que aprendem. Fundamentar a garantia de uma paz fecunda no artigo cominatório de um regulamento ou estatuto é, em todo caso, amparar um regime de quartel, mas não um trabalho de ciência. Manter a atual relação entre governantes e governados é alimentar o fermento de futuros transtornos. As almas dos jovens devem ser movidas por forças espirituais. As molas gastas da autoridade que emana da força não se conciliam com o que pede o sentimento e o conceito moderno das universidades. O açoite do chicote só pode rubricar o silêncio dos inconscientes ou dos covardes. A única atitude silenciosa que cabe a um instituto de ciência é a do que escuta uma verdade ou a do que a experimenta para criá-la ou comprová-la.

É por isso que queremos arrancar pela raiz do organismo universitário o arcaico e bárbaro conceito de autoridade que nessas escolas é um baluarte de absurda tirania e só serve para proteger criminalmente a falsa dignidade e a falsa competência. Agora advertimos que a recente reforma, sinceramente liberal, instituída na Universidade de Córdoba pelo Doutor José Nicolás Matienzo, não inaugurou uma democracia universitária; sancionou, sim, o predomínio de uma casta de professores. Os interesses criados em torno dos mediócras encontraram nela um inesperado apoio. Acusam-nos, agora, de insurretos em nome de uma ordem que não discutimos, mas que nada tem a ver conosco. Se é assim, se, em nome da ordem, querem continuar a nos tapear e embrutecer, proclamamos bem alto o direito à insurreição. Então, a única porta

ANEXO

O QUE É O REUNI?

Programa de Apoio à Reestruturação e
Expansão das Universidades Federais
(Decreto N° 6.096 de 24 de abril de 2007)

UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA!

Há cerca de 30 dias o Ministério da Educação e o Presidente Lula lançaram o PDE, Plano de Desenvolvimento da Educação. Composto por diferentes medidas para todos os níveis de educação, para a universidade ele traz um Decreto chamado Programa de Apoio a Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI).

A Juventude Revolução - IRJ se dirige a todos os estudantes, e em particular aos das universidades federais, para alertar sobre o seu significado.

O QUE DIZ O DECRETO?

O texto apresenta um simpático objetivo de dobrar as vagas do ensino superior brasileiro.

Define uma ampliação de 100% do número de alunos, todavia com uma ampliação dos docentes e técnicos de aproximadamente 15%. De cara, já nos perguntamos sobre que universidade está prevista...

O Decreto traz um chamariz de ampliação de 20% das verbas no Orçamento para a adesão voluntária de Instituições Federais de Ensino Superior Federal ao programa.

O método é simples: a universidade que apresentar um projeto de reestruturação dentro das especificações exigidas receberá verba suplementar.

em cada pensamento uma semente de rebelião.

A juventude já não pede. Exige que se reconheça o direito a exteriorizar esse pensamento próprio nos corpos universitários por meio de seus representantes. Está cansada de aguentar tiranos. Já que tem sido capaz de realizar uma revolução nas consciências, não se pode desconhecer a capacidade que ela tem de intervir no governo de sua própria casa.

A juventude universitária de Córdoba, por intermédio de sua federação, saúda aos companheiros de toda a América e lhes con-clama a colaborar na obra de liberdade que se inicia.

Enrique F. Barros,
Horacio Valdés,
Ismael C. Bordabehere, presidentes.

Gumersindo Sayago,
Alfredo Castellanos,
Luis M. Méndez,
Jorge L. Bazante,
Ceferino Garzón Maceda,
Julio Molina,
Carlos Suárez Pinto,
Emilio R. Biagosh,
Angel J. Nigro,
Natalio J. Saibene,
Antonio Medina Allende,
Ernesto Garzón.

que nos fica aberta para a esperança é o destino heróico da juventude. O sacrifício é nosso maior estímulo; a redenção espiritual das juventudes americanas, nossa única recompensa, pois sabemos que nossas verdades são, dolorosamente, de todo o continente. Então em nosso país, uma lei, a chamda lei de Avallaneda, opõe-se ao nossos anseios? Então, vamos, pois, reformar a lei, porque nossa saúde moral o exige.

A juventude vive sempre momentos de heroísmo. É desinteressada, é pura. Ainda não teve tempo de contaminar-se. Não se confunde nunca na escolha de seus próprios mestres. Ante os jovens, ninguém adquire mérito algum adulando ou comprando. É necessário deixar que eles mesmos escolham seus mestres e diretores, seguros de que o acerto há de coroar suas determinações. Mais à frente, só poderão ser mestres na república universitária os verdadeiros construtores de almas, os criadores da verdade, da beleza e do bem.

O que aconteceu recentemente na Universidade de Córdoba, por ocasião da eleição para a reitoria, esclarecem singularmente nossa razão na maneira de apreciar o conflito universitário. A Federação Universitária de Córdoba crê que se deve dar a conhecer ao país e à América as circunstâncias de ordem moral e jurídica que invalidam o ato eleitoral ocorrido em 15 de junho. Ao confessar os ideais e princípios que movem a juventude nesta hora singular de sua vida, quer referir-se aos aspectos locais do conflito e erguer bem alto a chama que está queimando o velho reduto da opressão clerical. Na Universidade Nacional de Córdoba e nesta cidade não tem acontecido desordens; contemplou-se e contempla-se o nascimento de uma verdadeira revolução que há de agrupar, em breve, sob sua bandeira, a todos os homens livres do continente. Nós nos referiremos aos eventos para que vejam quanta razão nos assistia e quanta vergonha nos atirou à cara a covardia e a traição dos reacionários. Os atos de violência, sobre os quais nos responsabilizamos integralmente, foram cumpridos como no exercício de puras idéias. Viramos o que representava um levante anacrônico, e o fizemos para que pudéssemos levantar, pelo menos, o coração sobre essas ruínas. Aqueles representam também a medida de nossa indignação em face da miséria moral, da simulação e do engano pelos truques que pretendiam infiltrar-se com as aparência da legalidade.

O sentido moral estava obscurecido nas classes dirigentes por um farisaísmo tradicional e por uma pavorosa indigência de ideais.

O espetáculo que a assembléia universitária oferecia era repugnante. Grupos de amorais desejosos de captar a boa vontade do futuro reitor exploravam os contornos no primeiro escrutínio, para inclinar-se logo para o bando que parecia conquistar a vitória, sem lembrar-se da adesão empenhada publicamente, o compromisso de honra contraído pelos interesses da universidade. Outros – os demais – em nome do sentimento religioso e sob a proteção da Companhia de Jesus, exaltavam à traição e ao discurso subalterno. (Curiosa religião que ensina a menosprezar a honra e deprimir a personalidade! Religião para vencidos e para escravos!) Havia-se obtido uma reforma liberal mediante o sacrifício heróico de uma juventude. Acreditava-se ter conquistado uma garantia e da garantia se apoderaram os únicos inimigos da reforma. Sob a sombra dos jesuítas haviam preparado o triunfo de uma profunda imoralidade. Consentiu-a comportaria outra traição. Ao deboche, respondemos com a revolução. A maioria representava o somatório da repressão, da ignorância e do vício. Então, demos a única lição que cumpria dar e espantamos para sempre a dominação clerical.

A sanção moral é nossa. O direito também. Eles puderam obter a sanção jurídica, embutir-se na lei. Nós não o permitimos. Antes que a iniquidade virasse um ato jurídico, irrevogável e completo, nós nos apoderamos do salão nobre e arremessamos dali a canalha, só então amedrontada, à verdade dos claustros. Que isso está certo, patenteia-o o fato de que a Federação Universitária ter se reunido, a seguir, no próprio salão nobre e de que mil estudantes terem assinado, sobre a mesma carteira reitoral, a declaração de greve por tempo indefinido.

Com efeito, os estatutos reformados dispõem que a eleição de reitor acontecerá em uma só sessão, proclamando-se imediatamente o resultado, com prévia verificação de cada uma das cédulas e aprovação da ata respectiva. Afirmamos, sem temor de ser retificados, que as cédulas não foram verificadas, que a ata não foi aprovada, que o reitor não foi proclamado e que, por conseguinte, para a lei, ainda não existe reitor desta universidade.

A juventude universitária de Córdoba afirma que jamais fez

questão de nomes nem de empregos. Levantou-se contra um sistema administrativo, contra um método docente, contra um conceito de autoridade. As funções públicas eram exercidas em benefício de determinadas camarilhas. Não se reformavam nem os planos nem os regulamentos por temor de que, nas mudanças, alguém pudesse perder seu emprego. A consigna “hoje para ti, amanhã para mim”, corria de boca em boca e assumia a preeminência de estatuto universitário. Os métodos docentes estavam viciados de um estreito dogmatismo, contribuindo para manter a universidade afastada da ciência e das disciplinas modernas. As escolhas, fechadas na repetição interminável de velhos textos, amparavam o espírito de rotina e de submissão. Os corpos universitários, zelosos guardiães dos dogmas, tratavam de manter enclausurada a juventude, acreditando que a conspiração do silêncio pode ser exercitada contra a ciência. Foi quando, então, a obscura universidade mediterrânea fechou suas portas para Ferri, Ferrero, Palacios e outros, ante o temor de que sua plácida ignorância fosse perturbada. Fizemos, então, uma santa revolução e o sistema caiu sob nossos golpes.

Acreditávamos honradamente que nosso esforço havia criado algo novo, que, pelo menos, a elevação de nossos ideais merecia algum respeito. Assombrados, contemplamos, então, como os mais rudes reacionários se coligavam para arrebatar nossa conquista.

Não podemos entregar nossa sorte à tirania de uma seita religiosa, nem ao jogo de interesses egoístas. Querem que nos sacrifiquemos a eles. Quem se intitula reitor da Universidade de São Carlos já deu sua primeira palavra: “Prefiro ter um varal de cadáveres de estudantes que renunciar”. Palavras cheias de piedade e amor, de respeito reverencioso à disciplina; palavras dignas do chefe de uma instituição de altos estudos. Não evoca ideais nem propósitos de ação cultural. Sente-se custodiado pela força e se ergue soberbo e ameaçador.

Harmoniosa lição que acaba de dar à juventude o primeiro cidadão de uma democracia universitária! Aprendamos a lição, companheiros de toda a América; talvez tenha o sentido de um presságio glorioso, a virtude de um chamado à luta suprema pela liberdade; ela nos mostra o verdadeiro caráter da autoridade universitária, tirânica e obcecada, que vê em cada petição um agravo e